

PUB

VÊ COMO EM WWW.CARTAOMTV.COM



Director: José Leite Pereira
Directores Adjuntos: Alfredo Leite e David Pontes

Terça-feira, 2 de Outubro de 2007

Pesquisa JN

Edição do Dia Opinião

[Diário de Notícias](#) | [TSF Online](#)

[Arquivo](#) | [Dossier](#) | [Secção do Leitor](#) | [JN Iniciativas](#) | [Cartão GN](#)

Edição do Dia

Envie este artigo para alguém | Salvar para ler depois | Imprimir este artigo

[Primeiro Plano](#)

[Nacional](#)

[Polícia e Tribunais](#)

[Economia e Trabalho](#)

[Sociedade e Vida](#)

[Mundo](#)

[Opinião](#)

[Preto no Branco](#)

[Desporto](#)

[Cultura](#)

[Etcetera](#)

[Televisão e Média](#)

[Tema de Domingo](#)

[Última](#)

Isto está tudo ligado!

Alberto Castro, Professor universitário



Oempreendedorismo é a nossa nova coqueluche. A palavra é difícil de dizer. A questão é tão estranha à nossa cultura que nem os dicionários mais recentes contêm a palavra. Hoje em dia, porém, rara é a semana em que não se realiza um encontro, conferência, exposição ou feira em que se mostram as virtualidades do fomento do empreendedorismo. Para além dos inevitáveis membros do Governo e funcionários europeus (mais altos ou mais baixos, hierarquicamente falando), o protagonismo é, habitualmente, repartido entre os promotores de casos de sucesso, nacionais ou estrangeiros, e os dirigentes de agências públicas que vêm expressar, traduzindo-o em milhões de euros de apoios, o empenhamento governamental. Tenho, parece-me que fundadas, dúvidas sobre se, mais uma vez, não estaremos a atirar com dinheiro para cima do problema, mas a verdade é que parece haver uma nova dinâmica de criação de empresas. O tempo dirá se suficiente, ou não, para ter um impacto significativo no padrão de especialização da economia portuguesa. É que, não obstante tudo o que se diz, o problema é mais qualitativo do que quantitativo.

Quando se estuda com um pouco mais de profundidade o tema da criação de empresas em Portugal, encontram-se alguns dados curiosos. Figuramos entre os povos que se mostram mais desejosos de ter o seu próprio negócio, mas quando passamos à sua criação efectiva encontramos mil e uma razões para não concretizar essa ambição. Dir-se-ia que, em muitos de nós, existe um empresário frustrado. Será assim?

A capacidade de assumir riscos está entre as características mais decisivas para se ser empresário. Será que a mesma é uma peculiaridade inata ou pode ser aprendida e adquirida ao longo da vida? Não desprezando a primeira hipótese, parece-me que a segunda alternativa é mais promissora. Traduzida noutros termos, dir-se-ia que o empreendedorismo pode ser aprendido e, quiçá, ensinado. Saber analisar um mercado e as oportunidades e ameaças, elaborar um plano de negócios, estudar os casos de sucesso e insucesso são tudo ensinamentos úteis. A probabilidade de frutificarem é, porém, tanto maior quanto mais propenso à iniciativa for o destinatário. Predisposição em que a experiência de vida é decisiva. Aprender a resolver os seus próprios problemas, a tomar decisões e a desenvolver o sentido de responsabilidade são pré-requisitos de uma formação para o empreendedorismo. Neste como noutros domínios, o saber de experiência feito é muito importante.

Não vindo mal ao mundo se for acontecendo mais cedo (com a gestão da mesada, por exemplo), a entrada no Ensino Superior seria uma altura ideal

Mais Opinião

■ Os Lopes (em 1974 e em 2007)



[Porto](#)

[Norte](#)

[País](#)

para se ter essa experiência. Infelizmente, a nossa tradição não vai nesse sentido. Com raras excepções, e por motivos respeitáveis, toda a gente gostaria de ter o filho a estudar ao pé da porta. Ao contrário, exactamente, do que sucede nos países mais empreendedores. Não será que é nessa experiência de vida, fora do ambiente e protecção familiar, que se molda o carácter empreendedor de muitos jovens? Se assim é, uma contribuição do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior seria a de investir no aumento da qualidade de instituições de Ensino fora dos grandes centros do litoral e talvez mesmo na deslocalização de algumas escolas e centros de excelência para fora de Lisboa e do litoral. Verdadeiramente e não apenas as sedes, por conveniência do QREN! De modo a que se constituíssem verdadeiras alternativas para a colocação de estudantes de outros pontos do país, aos quais se poderia bonificar os empréstimos a que, eventualmente, recorressem. No fundo, isto está tudo mais ligado do que à primeira vista possa parecer.

Alberto Castro escreve no JN, semanalmente, às terças-feiras.

[Ficha Técnica](#)

[Sugestões](#)

[RSS](#)



Copyright @ 1995/2007 Global Notícias,SA
Todos os direitos reservados . Regras de acesso